

Jornal

Psicologia em Foco[©]

EDIÇÃO 26
ABRIL, MAIO E
JUNHO DE 2015



10E11 SESSÃO ESPECIAL

“Procuram-se adultos” ou sobre a idealização da adolescência

4E5 ENTREVISTA

JPF entrevista psicanalista e professor da FGV-SP Tiago Corbisier Matheus

8 COTIDIANO

Entre a vodka e o tédio

9 COTIDIANO

Adolescência e a Escolha Profissional

15 RODA DE PSICANÁLISE

A despedida da infância, suas dores e seus lutos



Jornal
Psicologia em Foco

ISSN 2178-9096

EDIÇÃO Nº 26 – ABRIL, MAIO E JUNHO DE 2015

COORDENAÇÃO

Vinícius Romagnolli R. Gomes
(CRP 08/16521)

EDIÇÃO

Toni Trentinalha

REDAÇÃO

Eduardo Cherrito, Gabriela Cristófoli,
Ieda Marinho, Luana Ramos Rocha e
Toni Trentinalha

REVISÃO

Ariana Krause (CRP 08/17743),
Christian Silva dos Reis, Giovanna
Bertoni (CRP 08/19036)

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Vermelho Panda Estúdio de Design

DIVULGAÇÃO

Cayla Aparecida de Sousa, Cícero
Félix, Fernanda Ferdinandi, Fernanda
Maysa Borniotto, José Valdeci
Grigoletto Netto e Taís Kemp Abdo
(CRP 08/20920)

IMPRESSÃO

Gráfica O Diário

TIRAGEM

3000 exemplares

ACESSE NOSSAS MÍDIAS SOCIAIS
PARA RECEBER NOVIDADES E
CONTEÚDOS EXCLUSIVOS



facebook.com/
psicologiaemfocoinstituto

PUBLIQUE SEU ARTIGO

envie um e-mail para
ipfoficinadosaber@gmail.com

ou entre em nosso site para
maiores informações
institutopsicologiaemfoco.com.br

CARTA AO LEITOR



5 anos: que tempo é esse?

VINÍCIUS ROMAGNOLLI R. GOMES

Psicólogo (CRP: 08/16521), historiador e mestre em Psicologia

Caro leitor,

O Jornal Psicologia em Foco chega ao seu quinto aniversário e me peguei pensando “quanto tempo...”, mas logo complementei “mas passou tão rápido”. Paradoxal esse tal tempo, não? Ainda mais num mundo marcado pela liquidez, pressa, ação, superfície, brevidade, utilidade e rapidez (como aponta o brilhante e mais citado pensador de nosso tempo: Zygmunt Bauman). Não chega a surpreender que a maioria dos distúrbios de hoje sejam marcados pela dificuldade de representar, simbolizar e preencher um vazio.

Frente a isso, creio que o JPF tenha nascido e continua sendo marginal. Explico melhor; diante de um cenário em que nos falta justamente a palavra, a pausa, a atenção, a leitura e o vínculo, o JPF nos propõe justamente um “tempo” para ler, refletir, desacelerar e pensar ou ainda um canal para escrever, criar e se expressar.

Dizem que na década de 30, enquanto os autores modernos lançavam mão de versos livres, fruto dos novos e frenéticos tempos, Cecília Meireles se mostrava “marginal” ao trabalhar

o verso nas formas fixas e tradicionais. Os modernos cobravam de Cecília “mais realidade”. E pensar que hoje lutamos para resgatar a poesia e o símbolo que nos possibilite descansar dessa realidade ou vê-la de uma forma mais humanizada...

Andar na contramão é comumente associado à transgressão, cuja etimologia além do sentido de “quebrar e burlar normas” pode significar “o ato de ir além e ultrapassar os limites”; já a palavra rebeldia significaria oposição. Nesse sentido, podemos pensar o quanto comprometida está essa possibilidade de se opor e ir além do estabelecido em nossa cultura, onde o ideal é “andar na linha” e “seguir o padrão”. Isso me faz lembrar a recomendação de uma querida e nada conformista professora que dizia: “às vezes é preciso sair do trilho senão o trem te pega”. Espero que nos próximos anos e edições do JPF possamos continuar “saindo do trilho” para pequenas, mas necessárias, pausas, leituras e reflexões.

Uma boa leitura e obrigado a todos aqueles que fazem parte dessa história!

QUEM SOMOS NÓS?

Nossas atividades tiveram início com a criação do Jornal Psicologia em Foco (ISSN 2178-9096), em junho de 2010, idealizado por Vinícius Romagnolli R. Gomes, então acadêmico de Psicologia. O projeto tinha como proposta viabilizar um espaço para produção científica de acadêmicos e profissionais da Psicologia, bem como para promoção e divulgação dos importantes acontecimentos relacionados à área. O JPF tinha inicialmente uma tiragem de apenas 500 exemplares, com 6 páginas em preto e branco. Em 2011, no aniversário de 1 ano do JPF, a Oficina do Saber foi criada, com a proposta de viabilizar um espaço para debates acerca de assuntos atuais.

Já em 2012, foi criado o Grupo Psicologia em Foco, contemplando tanto o JPF quanto a Oficina que, com uma proposta de profissionalização da equipe e capacitação dos membros, investiu em consultorias que auxiliaram na criação de uma identidade organizacional. Em 2013, o JPF ganhou cores, uma nova

diagramação e passou a ter 3000 exemplares em 16 páginas: teve início a Oficina do Saber in Company, com a proposta de levar a Oficina de modo itinerante e customizado para colégios, faculdades e empresas.

Missão: Promover a troca de saberes em um espaço inovador.

Valores: comprometimento, brilho nos olhos, espírito de equipe, qualidade, pró-atividade, foco no cliente.



ASSINE NOSSO JORNAL

Receba cada edição na comodidade
de sua casa e fique sempre por dentro!

www.institutopsicologiaemfoco.com.br

OPINIÃO



Aspectos controvertidos da maioridade penal

LAÍS DE CASTRO MARCHI

Advogada formada pela UEM e pós-graduada pela EMAP
(OAB 67.320)

A redução da maioridade penal é tema bastante controverso hodiernamente, entrando em voga em artigos de jornais, revistas e discussão em programas televisivos sempre que há envolvimento de uma criança ou adolescente em algum crime que assusta a sociedade.

Primeiramente, antes de adentrarmos no cerne da questão, deve o leitor ter o conhecimento de que estatuto da criança e do adolescente em seu art. 2º, estabelece:

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

É importante destacar que o Código Penal estabelece um critério “biológico”, ou seja, há nesse caso uma presunção absoluta de que os menores de 18 anos não reúnem a capacidade de autodeterminação.

Outra questão importante é que a criança ou o adolescente que pratica um delito, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente em vigência, será punido, não como um adulto, mas sofrerá medidas educativas. Tais medidas educativas não são penas ou castigos mas oportunidades de inserção em processos educativos compulsórios que, se bem sucedidos, resultarão na construção ou reconstrução de projetos de vida desatrelados da prática de atos infracionais.

Todavia, antes que o leitor se posicione sobre o tema, favoravelmente ou contra a redução da maioridade penal, embora não menos importante, deve despir-se em um primeiro momento, da análise psicológica do agente, ou seja, da capacidade de discernimento e cognitiva do menor infrator e adentrar na realidade fática de nossa sociedade e sistema carcerário.

Neste viés, em janeiro de 2015 apurou-se que o Brasil tem um déficit de 200 mil vagas no sistema prisional, os dados demonstram ainda que a população carcerária atual é de 564 mil indivíduos; há 20 anos, eram 126 mil presos; e que existem 280 detentos

para cada 100 mil habitantes.

Tais dados são alarmantes quando se tem o conhecimento de que o sistema carcerário brasileiro não cumpre com seu então papel de ressocialização do indivíduo, demonstrando-se na maioria das vezes uma verdadeira escola do crime. Não somente por culpa do Judiciário, mas devido à sociedade como um todo que marginaliza e descrimina quem está ou já foi preso.

Não se trata apenas de um sistema carcerário falido. Conforme o ilustre professor Lenio Luiz Streck, temos o gravame de termos um Código Penal essencialmente patrimonialista, que protege mais o ter, do que a vida. Neste viés, pergunta-se: qual a possibilidade mais concreta do futuro de um jovem preso por um crime qualquer?

Quando possuímos um sistema prisional digno, uma sociedade menos voltada ao materialismo, quando repensarmos nosso modo de enxergar o outro com empatia, só aí poderemos voltar à análise psicológica cognitiva da criança ou adolescente que pratica ato infracional, pois quem sabe este terá meios de decidir por si, não sendo somente um produto social.

Retomo assim o pensamento do ilustre doutrinador Lenio Luiz Streck:

Vamos lá. Nossa fábrica de injustiças sociais e privilégios odiosos não fecha... Ou alguém já parou para refletir por que não temos as estatísticas de criminalidade do nível da Suíça (ou da Espanha)? Como acentua Pablos de Molina, “cada sociedade possui a criminalidade que produz e merece”.

Para concluir, espera-se que não tenhamos uma estatística de criminalidade do nível da Suíça, ou de qualquer outro país, pois sabemos que cada país tem sua realidade, mas que dentro da nossa expectativa de futuro, sejam estudados mecanismos de inclusão, voltados cada vez menos ao indivíduo e mais ao coletivo, a fim de resolvermos o problema da criminalidade na raiz e não de forma superficial. É o que se espera para o Brasil do futuro.

PENSO ASSIM



Nas mesmas sujas ruas e avenidas

EDERSON HISING

Jornalista e repórter do Diário do Norte do Paraná e graduado em Jornalismo pelo Unicesumar

Na cama suja de concreto o repouso não descansa. Fugitivo de si, já não se importa em qual esquina dorme. Ao lado, o refrigerante que ele não pode comprar. Por perto, a vida que não pode viver. O pé está sujo porque viver suja – e muitas vezes não nos deixam limpá-lo. Mauro, 40 anos, cara de 60, corpo de 12. Pura pedra dura; brita bruxa.

Sob o calçamento está a terra vermelha – que suja também. Vez ou outra, o vermelho também aparece no piche preto. Vem à tona; detona. Cabeça, membro, tecido, membrana. Trabalhador morto ao tentar atravessar a rodovia de bicicleta. Avenida Colombo, cotidianamente, desrespeitoso.

Calçadas e ruas ocupadas por moribundos sobreviventes às desgraças e erros – os quais mesmo que assumam, não os perdoam. Atearam fogo em Elias enquanto cozinhava macarrão instantâneo debaixo duma marquise. O desgosto foi tanto que as ruas o acolhem mais, recorda-se, à procura de uma latinha.

José Aparecido, pai de família, atropelado após o trabalho. Sônia, infartou na cozinha enquanto abria o pote meio vazio de arroz com

as mãos surradas de limpeza. As chamas do fogo seguiram cozinhando o feijão, porque a vida segue. Mauro acordou da nóia da noite passada. Não sabia onde estava. Avenida Tiradentes, painéis amassados e apitos. Era domingo e por sorte despertou antes da chuva.

Verde e amarelo, limpos. Muito barulho. Pouca informação. As painéis vazias são as mesmas que o puseram pra fora de casa. Sem entender nada, pede um cigarro prum barbudo que passa pela calçada preocupado com as horas. Fuma e sai em busca de comida. Três dias sem se alimentar na ilha do prodígio econômico. Tão desigual e desinformada quanto qualquer tribo burguesa.

Ordem sem palavras. Caminhadas vagas que não dão em nada. Preconceitos em punho e destilados a torto e a direito a cada esquina. Depois da rua, piscina, barzinho ou conforto. Enquanto cada João-torto se arrasta. Vida suja. Humanidade desgastada. Somar sempre foi mais fácil do que dividir – principalmente com muitos dígitos na chave. Não há mérito com diferentes pontos de partida.

CIENTISTAS ENCONTRAM A CRIATURA MAIS SÁBIA DO UNIVERSO.



ALAN BARIANI

CHARGE

ENTREVISTA



JPF entrevista o psicanalista e professor da FGV-SP Tiago Corbisier Matheus

TIAGO CORBISIER MATHEUS

Doutor em Psicologia Social (CRP: 01/32191) pela PUC-SP, graduado em Filosofia pela USP, psicanalista membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professor do curso de Administração Pública e pesquisador do CEAPG da FGV-SP, e autor dos livros *Ideais na Adolescência: falta (d) e perspectivas na virada do século* (2002) e *Adolescência: história e política do conceito na psicanálise* (2007). Além da atividade clínica, pesquisa atualmente o tema da vulnerabilidade social da juventude residente na zona sul do Município de São Paulo

Tendo em vista o adolescente na academia e a organização das tribos indígenas. O que há em comum entre o trote universitário e os rituais que envolvem os jovens indígenas?

É um paralelo interessante a ser considerado. Em ambas as situações temos uma experiência que funciona como ritual de passagem para uma condição de entrada (no caso dos índios) ou aproximação (no caso dos universitários) do mundo adulto, dos membros do corpo social como iguais. No entanto, a magnitude de tais experiências é diferente. Nas sociedades ocidentais, fortemente urbanizadas, os rituais se diluíram. Usar calça comprida não é uma condição exclusiva dos adultos, como ocorria há cem anos. Nem o matrimônio é condição para que se possa sair de casa, usar bigode e conquistar maior autonomia no meio social, por exemplo. Temos atualmente eventos sociais que funcionam como rituais locais, mas sem a mesma amplitude e o mesmo peso simbólico como nas tribos indígenas tradicionais, nas quais todos os jovens passam por rituais, a partir dos quais passam a viver uma nova condição de vida, sendo legitimamente considerados como iguais. Podemos dizer que em nossa sociedade ocidental, o prolongamento da entrada no mundo adulto está associado à extensão do período de formação dos jovens (educação formal), fruto da complexidade de um mundo que demanda trabalhadores diversificados e especializados, como nos mostra Norbert Elias. Esta passagem do mundo infantil para o adulto, então, se tornou mais extensa

e diversificada, realçando as diferenças de oportunidades entre diferentes juventudes. Quem tem melhores condições, tem uma formação mais extensa do que outros, e, portanto, tem antecipada sua entrada no mundo adulto. O trote da faculdade, então, é um ritual que marca o privilégio de alguns jovens, que tiveram acesso a um espaço particularmente valorizado em nosso meio social, como condição de acesso a melhores oportunidades de trabalho e inserção profissional.

Esses ritos se intensificam ou perdem força com o final da fase da adolescência?

Os ritos servem como marco para a entrada ou o término da adolescência. Em muitas tribos indígenas, eles estão concentrados num mesmo momento, como se a adolescência ocorresse durante o momento do rito e terminasse tão logo o jovem fosse então considerado um novo membro adulto, com suas responsabilidades e possibilidades. Em nossa sociedade, em contrapartida, temos ritos diluídos, que não possuem grande amplitude (os trotes realizados na entrada na universidade são recorrentes, mas não indispensáveis nem hegemônicos; há muitos universitários que não passam por este ritual e nem por isso ficam despojados da passagem para um universo de maior autonomia simbólica). Defendo a tese de que a chamada crise da adolescência é ela própria o ritual específico da modernidade, na passagem do infantil para o adulto, para cada sujeito. É o momento de subjetivação a ser vivido por todo indivíduo, singularmente, como momento de estranhamento e desamparo, quando o jovem não encontra referências simbólicas homogêneas e suficientes (como nos rituais indígenas) para traduzir sua angústia; é quando se vê descolado de suas amarras fami-

liares e vive a vertigem da abertura de possibilidades que tanto almejava. A noção de crise, por sua vez, estabelece uma imagem de jovem em conflito que acaba lhe servindo como uma referência simbólica organizadora, pois estabelece um sentido (estar em crise) para seu estranhamento. Os adultos, por sua vez, aceitam ou convivem com as turbulências ou questionamentos juvenis sob a crença de ser um mo-

mento transitório – “isso passa” – tirando o peso e importância do conteúdo do conflito, desconsiderando as eventuais críticas juvenis.

A chamada crise da adolescência é, portanto, fruto da fragilização dos rituais de passagem adolescentes e opera, paradoxalmente, como um ritual (silencioso ou ruidoso, intimista ou pluralizado) socialmente legitimado, que se organiza a partir da construção de uma crise de passagem, a ser aceita e suportada pelos demais como um período necessário.

Defendo a tese de que a chamada crise da adolescência é ela própria o ritual específico da modernidade, na passagem do infantil para o adulto, para cada sujeito.

Qual a importância do confronto com os valores de instituições como a família, religião e escola para a formação da identidade?

A identidade é um conceito controverso para a psicanálise. Largamente utilizado na psicologia e na sociologia, está atrelado ao ideário individualizante da modernidade, que prevê cada sujeito como único, diferenciado, um fim em si mesmo. A identidade seria, supostamente, a essência, a justificativa para que cada um seja cada um. Não questionamos a singularidade de cada sujeito moderno, que cada um viva a seu modo sua experiência cotidiana, mas consideramos que a ideia de cada um como um ser exclusivo cumpre uma função de abafar ou negar nossa história e condição de sujeitos sociais. Entendo que não somos tão originais ou exclusivos como gostaríamos e isso é uma ferida narcísica numa cultura que enaltece cada indivíduo como um bem supremo.

Casa e Escritório

Móveis e Acessórios

contato@casaeescritorio.com

www.casaeescritorio.com.br

Av. XV de Novembro, 1046
Maringá - Paraná - 87013-230
Fone (44) 3305-1800

Se pensarmos, em contrapartida, na formação do sujeito com suas marcas identitárias (fruto das diversas identificações que o aproximam de tantos sujeitos por ele admirados), sim, a passagem adolescente prevê o posicionamento do sujeito frente às referências simbólicas do universo do qual participa, onde instituições como família, escola ou religião costuma ser preponderantes no estabelecimento de valores, regras e parâmetros de conduta. Este posicionamento pode resultar, de fato, num confronto ao instituído por tais instituições, mas pode igualmente ser o inverso, uma reafirmação destas, potencializando-as. É o exemplo do jovem que se identifica com a posição ideológica dos pais e busca expandi-las para onde eles não teriam alcançado, como se pretendessem ser a versão melhorada dos pais. Neste caso, o confronto pode ser dar por meio da fantasia de superação dos pais, a partir da própria referência destes

Em geral, o que vemos é um arranjo psíquico entre afirmações e negações do legado parental e social. A noção psicanalítica de formação de compromisso é bastante útil neste sentido, faz ver o trabalho psíquico que busca fazer acordos entre as várias demandas que cada psiquismo busca responder. Para dar um exemplo rápido, é como se um jovem a favor do impeachment de Dilma estivesse agindo ao mesmo tempo como transgressor e conservador, sujeito político ativo, ao mesmo tempo em que se coloca como defensor de valores tradicionais da família brasileira. Não se trata de dizer que esse seja o sentido de todo o movimento político que porta esta bandeira, mas que em meio a ele esta hipótese está presente.

Como os pais podem lidar com os conflitos sem impossibilitar a emancipação de seus filhos?

Há conflitos e conflitos. Eles podem ser destrutivos ou construtivos, dependendo do modo como são vividos e enfrentados, do sentido que podem conquistar entre os envolvidos e o quanto podem permitir a uns e outros reconhecerem-se em suas dificuldades, reverem suas posições e atitudes, bem como reverem o modo como se relacionam uns com os outros. Isso vale tanto para pais como para os próprios filhos. Somos seres em conflito, tanto psiquicamente (entre nossos desejos e demandas), quanto socialmente (o convívio coletivo é sempre

um desafio). Portanto, o desafio é como enfrentar de modo mais criativo e construtivo os conflitos vividos, evitando que se tornem destrutivos.

Os pais de adolescentes são convocados à difícil tarefa de acompanhar e oferecer sustentação (re- taguarda) para estes sujeitos em formação, que até então se encontravam numa posição protegida e subordinada de filho (alguém que é a partir do outro) e não de cidadão, como um entre outros (como semelhante). Trata-se de acompanhar o processo e oferecer apoio para aquele que dele busca se separar simbolicamente, sem precisar com ele romper ou destruí-lo. Os pais são então convocados a exercitar o desprendimento narcísico de serem destituídos de sua posição idealizada e nem por isso abandonarem seus filhos, mas permiti-los fazerem seus percursos de experimentação que os permitam subverter ou reformular o legado dos pais. Não é uma tarefa simples, exige alteridade, confiança na formação oferecida, para que o jovem possa caminhar pelas próprias pernas e, quando estiver titubeante e olhar para trás, poder encontrar alguém que está disposto a oferecer seu suporte.

Como os veículos midiáticos têm influenciado na imagem e percepção do adolescente? E como isso afeta sua convivência com o meio social?

A mídia é um acelerador da poderosa comunicação social, esta rede de diálogo múltiplo e plural que dá sustentação a nossas realidades. É um provocador, realçando determinados aspectos de nossa cultura em detrimento de outros, de acordo com os interesses sociais e políticos em jogo. Ela não tem, em si, o poder de manipulação, mas quando oferece imagens condizentes às demandas sociais, facilita e instiga um determinado movimento social, favorecendo a ocorrência do que chamamos de modas, que incluem comportamentos, formação de modelos, atualização de ideais sociais e culturais. A mídia, em resposta às próprias demandas sociais, tende a favorecer uma dualidade de imagens adolescentes: de um lado o ideal de beleza, o ideal de fruição de uma vida leve e desprendida e, de outro, o estigma e

a ameaça, demonizando um determinado perfil jovem como responsável pelos dilemas sociais vigentes, como ocorre no caso da violência urbana. A promoção destas imagens entre os jovens favorece uma polarização dicotômica na relação entre uns e outros, bem como nas referências simbólicas por eles internalizadas. A identificação de cada um com cada um destes modelos, conforme suas demandas, aspirações e conflitos, lhe trará possibilidades e obstáculos. Identificar-se com imagens ocorre como possibilidade de ser alguém no meio social, um sujeito com lugar legitimado fora do ambiente familiar. Porém, tanto o lugar idealizado quanto o estigmatizado são aprisionadores, pois não limitam a possibilidade de cada um reconhecer suas ambivalências e contradições, aspectos caracterizam sua riqueza e complexidade como ser humano. Esta polarização, em alguma medida, é um traço próprio da condição humana, pois estamos constantemente evitando lidar com tais ambivalências e pautando nossas vidas a partir de dicotomias. Ainda mais para os candidatos a novos membros do corpo social, que na angústia de sua condição (de incerteza sobre os lugares a serem alcançados), lançam mão de respostas apaziguadoras, capazes de estabelecer uma lógica clara da realidade. O desafio, portanto, é não ficar paralisado neste ponto de imobilismo e poder ultrapassá-lo. Seu exercício dependerá em grande medida do universo que encontra disponível em sua realidade, entre seus pares ou em meio ao mundo social no qual almeja se inserir e da capacidade de todos estes agentes, em seu conjunto, de romperem com parâmetros dicotômicos e enfrentarem com alteridade os desafios sociais da modernidade de cada contexto.

Tiago Corbisier Matheus será o psicólogo convidado para a Oficina do Saber, que tratará sobre adolescência. O evento acontecerá dia 20.06, na PUC Maringá, das 9h às 12h e das 14h às 18h.



4ºPISO
MARINGÁ PARK

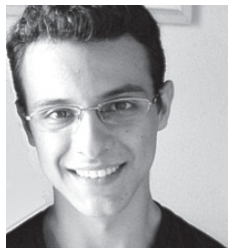
44 9909 . 9222

**Dr. Cleto
Rocha Pombo Fº**
médico-psiquiatra-psicoterapeuta
CRM 19276

Av. Tiradentes, 1081
Centro Vascular João Belczak
44 3225-4965
Maringá – PR

Especialista em Psicoterapia USP-SP

PSICOLOGIA AMBIENTAL



Lixo: o sagrado e o profano

EDUARDO CHIERRITO

Acadêmico do 5º ano de Psicologia do UniCesumar e membro do IPF

Os resíduos sólidos acompanham a evolução do homem em sua relação com o meio ambiente. A sociedade contemporânea vivencia uma crise na gestão destes resíduos, principalmente em grandes polos urbanos, como acontece em Maringá-PR do qual apenas 3% do lixo é reciclado de acordo com a ONG Funverde em matéria publicada no segundo semestre de 2013. Cooperativas de reciclagem apresentam estruturas péssimas para o trabalho, os colaboradores convivem diariamente com situações de extrema dificuldade para a realização de seu labor, como falta de banheiros, locais cobertos em caso de chuva, cozinha improvisada e outros.

Observa-se que muitos trabalhadores que atuam com o recolhimento, separação ou tratamento dos resíduos sólidos são colocados à margem da sociedade, marginalização que se tornou hábito em muitas cidades. Ao remeter a história da humanidade nem sempre a cultura do lixo foi vista desta maneira. A partir do momento em que nossos ancestrais primitivos compreenderam como utilizar as ferramentas a fim de modificar o meio ambiente, estas associações se tornaram mais complexas, uma vez que a consciência do homem em sua relação com o ambiente, agora modelável, se amplia.

Os sumérios conhecidos como detentores da escrita, datam do período de 3.100 a 3.000 a.C., possuíam um cuidado sacramental com a produção de resíduos. Eigenheer em sua obra “Lixo: a limpeza urbana através dos tempos” (2009) destaca que os

cuidados com o lixo eram dirigidos aos sacerdotes. Contudo os moldes da sociedade datam dos clássicos, ou seja a civilização grega. Na Grécia antiga Eigenheer destaca uma das funções de alta patente militar, para determinado espanto, trata-se de chefe de limpeza pública e Atenas possuía a “Polícia de rua” a fim de manter as normas urbanas de alinhamento de construções, limpeza urbana e água. Os responsáveis por esta limpeza tinham como patrono Hércules.

Cargos militares e sacerdotes, catadores e agentes de transformação social que dividem a mesma função, mas em camadas discrepantes. O lixo contemporâneo tem se distanciado cada vez mais daquilo que somos, para o que queremos deixar à parte. Aprendemos a consumir e descartar, como se este último não nos fosse mais pertencente ao nosso ser. Tentativas para promover o comportamento ecológico devem ser incentivadas,

entre elas os três R's: Reciclar, Reaproveitar e Reusar. A reciclagem engloba produtos que ao retornarem podem ser transformados em matéria-prima de si mesmo; o reaproveitamento consiste em reutilizar o produto para dar origem a um produto diferente do original; o reuso resume em tornar o material útil para outra finalidade, sem as transformações químicas ou estruturais que acontecem na reciclagem e no reaproveitamento. Atitudes utilitárias, pequenas e singelas que contribuem para compartilhar este trabalho outrora sagrado, que necessita voltar a ocupar este patamar em nossos hábitos.



PSICOLOGIA E PSIQUIATRIA



Adolescência: momento singular para a vida

FELIPE P. DE FIGUEIREDO

Psiquiatra (CRM-PR: 31918) especialista em Infância e Adolescência e Análise do Comportamento, doutorando em Saúde Mental pela USP, atuante na Essentia – Clínica de Psiquiatria e no CAPSi de Maringá-PR e professor de Medicina do UniCesumar

Quer saber sobre o futuro de uma sociedade? Olhe para os adolescentes. Isto mesmo. Não há momento mais fluido e repleto de alterações que a adolescência. E o adolescente, por ser um quadro branco que espelha o seu ambiente, é o retrato mais fiel do futuro de uma sociedade.

Proveniente do latim, adolescere significa crescer. Estamos aí falando não só do desenvolvimento físico; estamos falando de desenvolvimento de atributos e interesses sexuais, modificações da forma de entender o mundo e o seu papel dentro dele. A adolescência é o momento de encontro consigo mesmo. O momento onde a criança passa a não mais ser “dos pais”, preparando-se para ser “de si”.

Antes disso, no entanto, muitas são as “crises”, as idas e vindas. Adolescer é ter crises. E isto é normal. Mais que isso; isto é saudável. Pasmem. De uma admiração para com os pais, o adolescente passa a admirar os amigos; passa a adquirir hábitos provenientes de outras famílias, questionando-se sobre suas atitudes, direitos e deveres. E assim vai tentando se encontrar e esboçando sua própria imagem.

Existem pais que não suportam ver esse distanciamento. Que é difícil, sem dúvida o é. Perceber aquela criança, miniatura de si, individualizando-se e modificando-se em direção a outros, é sem dúvida, tarefa Hercúlea com a qual os pais precisam se preparar.

Neste momento, as buscas por ajudas médicas fazem muitas vezes parte do arsenal com o qual os pais tentam lidar com estas dificuldades. Com todas estas crises e com todas estas lutas, o fato é que a adolescência é o momento da vida no qual as principais psicopatologias se desenvolvem: depressão, ansiedade social, medos excessivos, manias, problemas alimentares, anorexia, transtorno bipolar, uso de drogas e diversas formas de comportamentos delinquentes, impulsivos e de risco (inclusive a dependência a tecnologias).

A lista é muito grande. O profissional médico, responsável por detectar se há anormalidades no desenvolvimento adolescente ou nas dinâmicas familiares, deve se posicionar ao detectar a existência de sintomas como estes, visando impedir o aparecimento de problemas mais sérios e crônicos na vida adulta. Muitas vezes, esta intervenção dirige-se, também, à postura dos pais, não aceitadores deste processo natural do adolescer. Neste caso, o melhor a fazer é assistir o desenrolar dos crescimentos: do adolescente e dos pais.

É neste processo de mudanças das famílias e de si, que o jovem vai testando diferentes grupos e tribos; hipotetiza, experimenta, conclui e toma novas decisões. Ao final, somando a bagagem psíquica de seus pais com aquilo que aprendeu com a sociedade, o adolescente vira adulto. Dono de si. Protagonista do mundo.

A Adolescência é o momento de encontro consigo mesmo. O momento onde a criança passa a não mais ser ‘dos pais’, preparando-se para ser ‘de si’.

Dr. Felipe P. de Figueiredo

Médico Psiquiatria da Infância e Adolescência
CRM/PR 31918 RQE 17208/17215

- Médico Psiquiatra da Infância e Adolescência pela HCRP-USP.
- Especialista em Terapia analítico-comportamental.
- Doutorado do Programa de Pós-graduação em Saúde Mental da USP de Ribeirão Preto.

Dra. Giovana Jorge Garcia

Médica Psiquiatra
CRM/PR 24337 RQE 17431

- Médica Psiquiatra pela HCRP-USP.
- Doutorado do Programa de Pós-graduação na Saúde Mental da USP de Ribeirão Preto.



essentia
Clínica de Psiquiatria

Telefone: 44 3346-9222 - Avenida Tiradentes, 1.008 - sala 1604
Maringá - PR contato@essentia.med.br

**MARTA DALLA TORRE**

Psicanalista (CRP: 08/0404), membro fundador do Ato Analítico – Clínica e Transmissão em Psicanálise e da Letra – Associação de Psicanálise, exerce a clínica psicanalítica no atendimento a crianças, adolescentes e adultos em consultório e no CAPSi de Maringá-PR

**VALÉRIA CODATO ANTONIO SILVA**

Psicanalista (CRP: 08/02463), membro fundador do Ato Analítico – Clínica e Transmissão em Psicanálise e da Letra – Associação de Psicanálise, mestre em Psicologia, docente de cursos de pós-graduação e Coordenadora Regional de Saúde Mental/15ª Regional de Saúde/ Maringá-PR

Sabemos, desde Freud (1923), que ao nascer sem uma identidade, o ser humano está destinado às identificações. A partir das vivências do narcisismo e do conflito edipiano estabelecidas na infância, o mundo representacional se organiza e o “Eu” se constitui, internalizando os traços e atributos não somente daquelas pessoas que lhe eram significativas, mas também daquele objeto investido e perdido, nos planos do imaginário e do simbólico, que o infant foi para o outro.

Os processos identificatórios iniciados na infância são atualizados e finalizados durante a adolescência, por isso, ambas são concebidas como “tempos da constituição do sujeito”. De acordo com Lacan, a formação de sucessivas identificações na primeira infância é responsável pela dimensão imaginária do “Eu Ideal”, originado no interior da experiência do estágio do espelho, no qual se dá o investimento pulsional por parte dos pais na imagem do bebê, responsável pelo seu narcisismo. Seu sucessor, o “Ideal do Eu”, é formado desde a perspectiva das referências terceiras que implicam a vivência edípica e de castração, eminentemente simbólicas, incluindo-se ainda, a identificação aos ideais sociais e culturais.

Se, de acordo com Freud, estamos destinados às identificações, e se, o inconsciente é o discurso do Outro, como nos ensinou Lacan, estamos condenados a reproduzir os elos da cadeia de um discurso que vem de muito antes de nossa existência - dos nossos pais, avós, de um povo, de uma nação, de uma sociedade.

É no tempo da adolescência que as identificações da primeira infância serão revisitadas e uma nova configuração será organizada psiquicamente. Por isso, a adolescência não deve ser considerada um processo natural, provocado somente pelas alterações fisiológicas de um organismo vivo, mas deve ser compreendida como um “trabalho psíquico” (Rassial, 1999) ou um momento de “elaboração psíquica” (Calligaris, 2000), que inclui sofrimento e angústia. Lembremos que a palavra adolescência tem como raiz dolere que significa sofrer uma dor, lamentar, estar triste; adolescer significa ir em direção à dor, ao que arde, ao que queima.

Adolescência: Tempo de travessia

As modificações imperativas que acontecem no plano biológico levarão o adolescente a vivenciar um momento crítico no qual se faz necessária a renúncia ao corpo infantil e conseqüentemente à criança idealizada que era motivo de orgulho para seus pais. Não mais criança, terá que constituir uma nova auto-imagem, exigindo-lhe também, o estatuto de uma nova identidade. Tempo de elaboração de lutos que permitirá uma travessia para o mundo adulto.

Por sua vez, os pais também terão de renunciar à figura infantil de seu filho, e se distanciarão cada vez mais da imagem anteriormente idealizada e admirada por ele. Diante de tal situação, os pais geralmente sentem-se ameaçados ao perceberem sua autoridade questionada e seus valores desmistificados. Soma-se, ainda, o fato de que nossa cultura atual não conta mais com o alicerce das regras tradicionais, que em épocas passadas cumpria um papel norteador em relação aos princípios que eram transmitidos de geração em geração.

A democratização das relações, a revolução sexual, a liberação do mercado de trabalho para as mulheres são alguns dos exemplos de mudanças observadas nos últimos 50 anos e que provocaram o declínio da autoridade paterna no interior das famílias - crise parental e crise conjugal se instalaram. Como a psicanálise pode compreender a crise da adolescência a partir das transformações sociais e familiares ocorridas a partir do último século?

Facilmente observamos que as famílias modernas vivem como se todos fizessem parte da mesma geração - pais e filhos gostam das mesmas músicas, do mesmo estilo de roupas, disputam pelo uso do computador ou do carro, e por que não dizer, até mesmo escolhem os mesmos parceiros para seus relacionamentos amorosos ou sexuais.

É certo que as famílias estão mais democráticas e quando encontramos tiranos autoritários, geralmente são os filhos oprimindo seus pais. A liberdade conquistada se traduz em um “Mundo sem limites” (Lebrun, 2004), onde as regras são feitas por cada um na busca de seu ideal de felicidade. A oposição entre o velho e o novo, os conflitos entre gerações diferentes eram tão conturbados quanto necessários, pois ofereciam uma rede de proteção imaginária, um Outro como referência e, ao mesmo tempo, onipotência a ser questionada pelo jovem.

Hoje, o ideal não é tornar-se adulto para fazer as próprias escolhas e correr os riscos que isso implica, e sim permanecer jovem e não envelhecer jamais! Ao adotarem o estilo “teen” de viver (este significante “teen” pode nos remeter tanto à fase da adolescência como à cultura globalizante dos americanos), como os pais podem oferecer referências aos filhos para a travessia do mundo infantil ao mundo adulto? Estes adultos que se espelham em ideais jovens, se sentem desconfortáveis

frente à responsabilidade de transmitir aos filhos os valores e as tradições que receberam de suas gerações antepassadas. Isto significa que a vaga de adulto em nossa sociedade está vaga (Kehl, 1998).

Podemos dizer que o adolescente se encontra em uma encruzilhada, pois tem uma estrada já percorrida (identificações estabelecidas), é fruto de um momento mítico original (eu ideal), carrega consigo as referências simbólicas da cultura (ideal do eu) e deverá se reposicionar frente a esses elementos.

Quando criança vivia uma espécie de promessa que sustentava o período de latência, aceitando assim renunciar à sexualidade infantil (via recalque e sublimação) esperando alcançar no futuro o gozo prometido - “mais tarde você poderá”, “quando você crescer”, até que, chegada a adolescência, o mais tarde é agora, e a promessa se mostra enganadora. O adolescente vive, portanto, a crise de um mau encontro, que nas palavras de Melman (1997) “trata-se de um momento em que o sujeito não encontra o lugar de seu gozo”.

Abandonar a imagem infantil e descolar-se do lugar de objeto imaginário que representou para o Outro, é sua grande tarefa, que só poderá ser feita a contento caso as ferramentas do simbólico e do imaginário estiverem em bom estado de funcionamento (ou de amarração). Se para qualquer adolescente é difícil simbolizar as mudanças no real do corpo, para alguns deles, a vivência de uma dor narcísica insuportável pode provocar o florescimento de quadros graves de angústia, acting-outs e até mesmo surtos psicóticos ou suicídios. Manifestações que hoje parecem atingir índices epidêmicos quando descritos como síndrome do pânico, drogadição, automutilação, bulimia, anorexia, dentre outros.

Ele pode, ainda, buscar apaziguar suas angústias e desapontamentos através de atitudes rebeldes, do refúgio (ou isolamento), do confronto de valores, da participação nos grupos de semelhantes, e até mesmo atos transgressivos que se constituem em alternativas ao encontro com a sua própria verdade. Inserido numa cultura que promete falsamente o bem-estar ininterrupto, onde para cada falta há sempre um objeto correlato, o adolescente é facilmente capturado por essa rede de objetos consumíveis e que supostamente lhe trariam a “plena satisfação”, evitando sofrer o mal-estar inerente ao seu processo de atravessamento da infância para o mundo adulto.

As intervenções de um psicanalista poderão auxiliar o adolescente nessa travessia ao encontro de um caminho de amadurecimento e responsabilidade sobre suas próprias escolhas, permitindo-lhe viver suas limitações e possibilidades, próprios da condição essencialmente humana.



Entre a vodka e o tédio

LÍVIA BATISTA PEREIRA LARRANHAGA

Psicóloga [CRP: 08/13426] e mestrande em Psicologia pela UEM

“Melhor morrer de vodka do que de tédio.”

Vladimir Maiakóvski, poeta russo.

Essa frase foi encontrada no perfil de Humberto Fonseca, o jovem que morreu recentemente depois de ingerir vodka em excesso. A citação que estava em seu Facebook, mas que também poderia estar em seu epitáfio, figurava entre as favoritas do rapaz. Diante disso, parar e pensar a respeito dessa situação pode nos ajudar a interpretar e, assim, dar um sentido ao mundo em que vivemos.

Ironicamente, o desejo de Humberto foi atendido. Nesse sentido, a ironia não foi apenas uma figura de linguagem, mas uma espécie de sentença que ele mesmo se aplicou. Além disso, ao associar morte e ingestão de álcool, a frase transmite a significativa mensagem de nossa luta diária contra o sofrimento. A vodka seria a saída para não sofrer de tédio, e já que todos morrem um dia, por que não morrer de prazer?

Freud (1930), na obra “Mal-estar na cultura”, diz que o homem busca a felicidade e cada um de nós segue um programa para alcançar esse objetivo. O problema é que a felicidade é uma dicotomia, pois ela tem duas metas: uma positiva e outra negativa. Por um lado, ela busca a ausência de sofrimento e de desprazer e, por outro, busca experiências de intensos sentimentos de prazer. Seguindo essa dicotomia, a atividade do homem tende a buscar e a realizar um ou outro desses dois objetivos. Em outras palavras, ou acabamos com o tédio ou nos entregamos à vodka. Só não é possível seguir pelos dois caminhos ao mesmo tempo.

Ao pensar sobre a tragédia que aconteceu com Humberto, fica claro que a busca pelo prazer foi a meta

escolhida por ele para ter momentos de felicidade. Isso nos faz pensar a respeito do papel central que o prazer tem ocupado na nossa sociedade. O lema “faça o que você tem vontade” e “viva intensamente” simplifica a vida numa rasa questão de satisfação dos impulsos. Enquanto nossos avós sofriam com a impossibilidade de satisfazer os próprios impulsos, pois havia muita repressão, hoje sofremos porque somos obrigados a satisfazê-los.

*Não está contente no trabalho? Peça sua demissão!
O relacionamento não está bom? Termine!
Quer se divertir? Beba!*

Com apenas um verbo no imperativo, poucos minutos e muita impulsividade a vida inteira de uma pessoa pode ser resumida, ou então abreviada, como no caso de Humberto. Nesse sentido, a impulsividade é irmã da superficialidade.

Isso porque para agir por impulso não é necessário pensar, na verdade, é até melhor que não se pense.

Essa impulsividade-superficialidade também pode ser encontrada no discurso motivacional de muitos líderes, palestrantes e até figuras religiosas que valorizam mais o agir do que o pensar. Ou você nunca ouviu que você precisa ter mais atitude? Ou

então que a vida vai dar certo, basta ser otimista e ter fé?

Tanto a ação sem pensamento quanto o pensamento positivo são vazios e superficiais. É de Freud, também,

a frase “o pensamento é o ensaio da ação”. O que vemos hoje é o oposto, o sujeito faz e depois pensa, ou seja, a ação passa a ser o ensaio do pensamento. No caso de

Humberto, isso deve ter funcionado algumas vezes, até o momento em que ele foi morto pela ação.

Morrer de vodka não é apenas uma metáfora do que pode acontecer no meio universitário como é, também, uma oportunidade para

repensarmos o lugar de destaque que os impulsos alcançaram em relação ao pensamento e à reflexão, de modo que, agir impulsivamente é vodka, pensar é tédio. Talvez essa associação seja possível hoje, num mundo em que é preciso correr constantemente e agir incessantemente, visto que a exigência a qual somos submetidos diz respeito a performance que apresentamos. Como consequência, podemos nos tornar reféns de um funcionamento repleto de atuações que pode entrar em colapso. Assim, a morte por vodka é o resultado desse modelo repetitivo e imperativo que não suporta o tédio, a falta e o vazio, mas aplaude os excessos e a superficialidade.

Por último, morremos de vodka quando tentamos resolver conflitos da forma mais rápida e indolor possível. A consequência disso? Sujeitos otimistas, superficiais e que vivem como se nada de mal pudesse lhes acontecer, ou seja, agem como se fossem imortais. Sendo assim, o grande problema de Humberto talvez nem tenha sido a impulsividade, mas o que a motiva: a crença otimista de que no final tudo dá certo, ou seja, a negação de que somos humanos e que, sim, podemos morrer de vodka.

Morrer de vodka não é apenas uma metáfora do que pode acontecer no meio universitário, como é também uma oportunidade para repensarmos o lugar de destaque que os impulsos alcançaram em relação ao pensamento e à reflexão, de modo que, agir impulsivamente é vodka, pensar é tédio.

Vá mais longe com a **LOOKING4**

IDIOMAS



(44)3031-7004

Av. Quinze de Novembro, 1012 Maringá- PR



Adolescência e a Escolha Profissional

CAYLA A. SOUSA

Aacadêmica do 4º ano de Psicologia e estagiária no Projeto de Aconselhamento Vocacional do UniCesumar e membro do IPF

Nas últimas décadas pontuam-se grandes transformações no que se refere à adolescência. Os estudos de Lemos e Ferreira (2004) afirmam que, atualmente, temos uma nova nomenclatura para designar as gerações do século XXI, geração zapping. É composta por indivíduos que já nasceram conectados ao computador, aos jogos eletrônicos e plugados ao mundo através apenas de um click. Zappear é a atitude de mudar de um canal para outro na TV, incansavelmente, o que caracteriza esses sujeitos.

A escolha profissional é feita com base em tais relações que o adolescente estabelece com o mundo. Grande parte dos psicólogos tem sido

como o local que irá assegurar qual profissão deve-se escolher e não como um tempo em que se pode conhecer a si mesmo e, partindo disto, seguir o seu rumo pessoal e profissional.

Esses autores explanam ainda que, na tentativa de escolher uma carreira, o adolescente procura informações e as encontra rapidamente, mas não sabe o que fazer com elas. É nesse momento que surge a angústia e ele “zappeia” para outro canal, descartando a primeira escolha: isso acontece até que ele se veja abarrotado de informações sem entender como aplicá-las. A escolha profissional deve ocorrer como um processo de construção, não como uma mágica para encontrar algo escondido no indivíduo.

A espera, a demora, as responsabilidades pelas escolhas e a necessidade de ter que se haver com o mercado de trabalho, onde não podemos tudo que queremos, na hora que queremos e da maneira que quere-

mos, são muito difíceis de serem trabalhadas com o adolescente na geração atual, considerando as especificidades destes indivíduos.

Portanto, contemplando os adolescentes da era zapping é que o psicólogo irá auxiliar as questões relacionadas às responsabilidades pela escolha profissional, aos planejamentos futuros, autoconhecimento e mercado de trabalho, de forma a juntar as habilidades aos traços de personalidade do orientando, facilitando a escolha de uma profissão, baseadas em suas capacidades próprias de escolher.



Superexposição

JÚLIO CÉSAR LAZARIN DA SILVA

Graduado em Direito pela UEM e em Jornalismo pelo UniCesumar e diretor da Agora Comunicação de Mandaguari

Desejos, carências e reconhecimento, tenho que admitir que não caminho na vanguarda das novas tecnologias que vão surgindo de forma cada vez mais cotidiana. No Facebook, por exemplo, criei uma página pessoal somente quando não aguentava mais os questionamentos que chegavam cada vez com mais frequência, com pessoas horrorizadas por eu estar tão analfabeto quanto às tendências da tecnologia. O mesmo processo se deu com o Whatsapp. Demorei, demorei e só me rendi quando via no semblante dos amigos indagações do tipo: que planeta esse “dinossauro” habita? Nunca tive em Orkut, o finado. Aliás, que Deus o tenha em seu repouso eterno. E ainda não criei um Instagram, nem pretendo. Só me rendi aos casos já citados por uma necessidade comercial. Comparo quem não tem Whatsapp e Facebook nos dias atuais a um casal de namorados que está junto há dez anos e ainda não marcou a data do casamento. De repente, naquele encontro familiar, as tias e tios perguntam tanto sobre a data do enlace que eles acabam marcando o “grande dia” apenas para pararem de ouvir tais “chatices”.

O que mais me incomoda nas redes sociais é a exposição a que as pessoas são submetidas, na maior parte dos casos, por iniciativa própria e de forma desnecessária. É como se uma carência a sugasse para esse universo e a obrigasse a prestar contas de tudo o que sente e pensa. Não tenho o aprofundamento que profissionais da psicologia, por exemplo, têm para discorrer sobre o tema, mas meu senso de observação me leva à conclusão

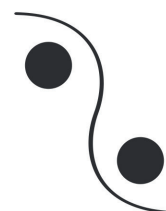
que estamos assistindo, com honrosas exceções, a uma geração perdida e desorientada. Para ser mais objetivo em minha colocação, dou como exemplo a seleção de candidatos que fizemos em nossa empresa de comunicação no início de 2014 para a contratação de um profissional para a área comercial. O único pré-requisito era que esse profissional tivesse menos de 30 anos. Devidamente assessorados pelo Sebrae e por um consultor indicado pelo órgão, recebemos dezenas de currículos, mais precisamente 34. A primeira análise era exatamente na página de cada um no Facebook. Apenas um não o tinha. Mais da metade, 19, foram eliminados na “primeira leva”, ora por escrever errado, ou por hábitos de comportamento ali externados.

Concorde-se ou não com esse tipo de procedimento, é exatamente desta maneira que a maioria das empresas age e, assim como futuros profissionais perdem espaço com essa exposição, outros acabam se sobressaindo exatamente por saber equilibrar vida pessoal e profissional na rede. Fica latente que por trás desse comportamento se escondem inúmeras carências e o desejo de aceitação e reconhecimento, tão presentes na sociedade do século XXI. Não é o caso de sairmos todos, a partir de agora, excluindo nossos perfis e posicionamentos ali expostos, mas, sim, de diminuir a superexposição, de entender que o mundo não precisa saber que prato saboroso foi preparado no jantar, nem que tive uma discussão familiar, ou muito menos que naquele determinado dia não “estou disposto”. Não é necessário represarmos todos os nossos sentimentos, mas saber dosar como os externamos.



idealizados como poderosos detentores das respostas aos medos, aos desejos, à família e ao futuro. Em meio a tanto conhecimento superficial, tanta facilidade de encontrar informações rápidas, tanto dinheiro que “compra” tudo, tanto “fast food”, que traz o que se quer em dez segundos, perde-se a capacidade de esperar, de passar por um processo de autoconhecimento, de pesquisar, estudar e se ocupar com algo que exija responsabilidade. As sessões de orientação profissional acabam sendo os recursos encontrados, pelo próprio adolescente e pela família,

Amanda Escarante
Psicóloga Clínica
CRP 08/20391



INTEGRAÇÃO

Psicologia & Desenvolvimento de Pessoas

Tel: 44 9989-6098
Rua Santos Dumont, 3472. Sala 204.



VINÍCIUS ROMAGNOLLI R.

GOMES

Psicólogo [CRP: 08/16521],
historiador e mestre em Psicologia

“Procuram-se adultos ou sobre a idealização”

A distinção da adolescência como etapa situada entre a infância e o mundo adulto nos parece algo bastante natural nos dias de hoje. No entanto, tal naturalização esconde uma construção histórica que aponta que a noção de adolescência surge a partir do nascimento do Estado moderno e da ideia de nação no final do século XV, fruto dos fundamentos de autodeterminação e da racionalidade da modernidade que incitaram a busca por ação, previsão e controle sobre o sujeito social culminando com a *periodização das etapas da vida*.

Diante disso, a ideia de adolescência que se forma no século XIX pode ser compreendida como resultado do processo de constituição do indivíduo, pilar de sustentação do Estado moderno e a “crise da adolescência” como consequência direta de tal processo; uma condição para a formação deste indivíduo. A noção de “crise da adolescência” denota tanto um momento crítico como também sugere o potencial enunciativo que gira em torno disso. Isso nos ajuda a lançar luz sobre os motivos pelos quais a adolescência foi associada ao longo do **século XX**, ora como solução e futuro da humanidade ora como problema e ameaça.

Assim sendo, podemos destacar mudanças na representação do “ser jovem”, tendo em vista que cada momento histórico elege um período da vida para simbolizar seus ideais de perfeição. No início do século, por exemplo, Nelson Rodrigues apontava o Brasil de 1920 como uma “paisagem de velhos”, uma vez que os jovens não tinham função ou destino e que a época não “suportava a mocidade”. Isso se devia ao fato de que tanto homens quanto mulheres eram mais valorizados ao ingressar na fase produtiva e reprodutiva da vida do que quando ocupavam a etapa intermediária entre infância e vida adulta.

Esse cenário mudaria com a hegemonia americana no período do Pós-Guerra, que impôs uma série de novos hábitos e costumes, fazendo com que autores afirmassem que a adolescência, como grande ideal da vida adulta, foi inventada e vingou nos Estados Unidos. A condição juvenil do Pós-Guerra foi marcada pela valorização do prazer e do consumo como fontes de gratificação imediata, que passou a ser o signo da juventude transviada da década de 50. Nesse período, construiu-se um ideário social sobre o jovem como

transgressor, o que pode ser visto pela produção literária da década de 50, com obras como *On the road*, de Jack Kerouac, que passou a ser reconhecido como símbolo de desordem e delinquência e *Rebel without a cause*, de Robert Lindner, cuja adaptação para o cinema no filme *Juventude transviada* consagrou o ator James Dean com seu estilo “*live fast, die young*” como ícone jovem (Gurski, 2012).

Na transição da década de 50 para a década de 60, ocorreu a Revolução de Maio de 68, protagonizada pelos jovens franceses e que ofereceu terreno para a *mitificação da juventude*, realizando o mito de uma juventude autônoma que buscava uma cultura independente do mundo dos adultos. Vemos aqui a consolidação da juventude como grupo social com cara própria, tendo no *jeans* e no *rock*, dispositivos que favoreceram esse processo. Nesse contexto houve uma exportação da cultura americana pela via do cinema e da televisão que popularizou o perfil juvenil, o qual passou a ser usado pela publicidade e pelas novas estratégias de apelo ao consumo.



IDADE ANTIGA

O éfeso [jovem em formação] era introduzido em práticas eróticas, ginástica, caça e filosofia. Todos cidadãos mais velhos eram responsáveis pela educação dos jovens.

IDADE MÉDIA

Os jovens eram “tutores da desordem”, exerciam um papel transgressor ao mesmo tempo em que se responsabilizavam pela ordem da vida cotidiana e pela moral



MODERNIDADE

O nascimento da escola como resultado do projeto iluminista estabelece divisão entre infância e juventude

CONTEMPORANEIDADE (DÉCADA DE 20)

Jovens não tinham função ou destino; a época não “suportava a mocidade”. Pessoas mais valorizadas ao ingressar na fase produtiva e reprodutiva da vida



CONTEMPORANEIDADE

A adolescência da vida cotidiana. Exportação da cultura americana para o cinema e a televisão, socializando o perfil juvenil.

tos”

ção da adolescência

Na passagem dos anos 70 para os anos 80, o capital se aproveitou diante dessa juventude que se revelara um poderoso exército de consumidores, livres de freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres e desligados de discursos tradicionais. A lógica do consumo passou, portanto, a fornecer uma multiplicidade de referências e opções que permitiram que aquilo que era próprio da cultura juvenil fosse apropriado pelo tecido social como traços idealizados de estilos de vida. Assim, podemos dizer que a *mitificação da juventude* deu lugar à *idealização da juventude* na medida em que suas diversas representações foram apropriadas pela lógica do consumo. Esse olhar idealizado, que a sociedade contemporânea dirige ao adolescente, foi facilitado pela cultura de consumo e pelo culto à liberdade.

Hoje vemos um cenário no qual a adolescência passou a ocupar o lugar de ideal cultural; não só pelo fato de levar os sujeitos a quererem permanecer nesta etapa da vida, mas também por ditar tendências mercadológicas, culturais e de lazer. Nesse sentido, imagens e insígnias adolescentes

passaram a ser vendidas e cultuadas como aquilo que deveria ser desejado por todos; elevadas à categoria de modelo identificatório para pessoas de todas as faixas etárias, configurando um estilo que influencia modos de vida.

Vivemos em um tempo onde o imperativo é ser jovem e no qual há uma forte desvalorização da experiência dos mais velhos. Como a regra parece ser viver com os anseios de quem tem 13, 15 ou 17 anos, o adulto se espelha nos “ideais teen” e sente uma má consciência diante de sua experiência de vida e de passá-la a seus descendentes. Essa *teenagização da cultura* (Kehl, 2004) deixou em aberto a outrora desejada “vaga de adulto” e levou os indivíduos a uma negação de sua própria história e a uma oposição aos efeitos que a passagem do tempo confere aos nossos corpos, alimentando uma ilusão de imortalidade, da virilidade e da vitalidade. Em uma cultura plástica e veloz como a contemporânea, os adultos pouco parecem poder ensinar a partir de sua experiência. E é essa experiência que produz aquilo que Kehl denomina “consistência subjetiva” ou, dito de outra forma,

“saber que se é aquilo que se viveu”. A descartabilidade do passado em nome de uma eterna juventude produz um vazio difícil de suportar que nos leva a uma indagação; há perspectivas para os jovens diante de toda essa idealização da juventude?

Jurandir Freire Costa (2004) aposta que sim e aponta que o grande desafio que temos é o de continuar acreditando em um mundo melhor para nós e para as futuras gerações. Isso se passa por uma atitude responsável e ética, compromissada com o bem comum e com algo que transcenda nossas vidas passageiras e nossos prazeres fugazes. Faz-se necessário ir à contramão da atitude consumista e da cultura marcada pelo imediatismo, bem como pelo descompromisso consigo e com o outro.

A sociedade de consumo vem minando nossa confiança na História e em nosso valor como agentes de transformação social, nesse sentido, devemos resgatar o gosto e o interesse dos jovens pela história da cultura na qual nasceram e vivem, afinal, o cenário atual aponta para uma ignorância dos adolescentes com relação a seu passado.

Depositar nas mãos dos adolescentes a decisão sobre quais rumos morais e sociais eles devem tomar parece ser um sintoma da imobilidade dos “mais velhos” de hoje que relutam em assumir a sua vaga no mundo adulto. Aqui cabe lembrar; o futuro dos adolescentes não pode ser entregue a eles próprios. É preciso resgatar os mapas e as bússolas para que os jovens aportem suas frágeis embarcações



CONTEMPORANEIDADE (DÉCADA DE 60)
Mitificação de uma juventude engajada e politizada como entidade autônoma com cultura própria, independente do mundo dos adultos



CONTEMPORANEIDADE (DÉCADA DE 90)
Marginalização dos hábitos juvenis. Jovens vistos como violentos, desregrados, “problema social”



CONTEMPORANEIDADE (DÉCADA DE 50)
A juventude, como grande ideal cultural, foi inventada nos EUA. A cultura americana pela televisão popularizou o ideal do jovem transgressor



CONTEMPORANEIDADE (DÉCADA DE 70 E 80)
Emergência da lógica do consumo faz com que aquilo que era próprio da cultura juvenil passasse a ser apropriado pela sociedade como traços idealizados de estilos de vida



ANOS 2000
Jovens hedonistas, exibicionistas e imersos na tecnologia

— F A
S E S
D A —
— V I
D A —

**DO
LES
CÊN
CIA**

com **TIAGO CORBISIER**
(psicanalista e professor da FGV-SP)

20.06
das 9h às 12h e
das 14h às 18h
na **PUC Maringá**

inscrições: www.institutopsicologiaemfoco.com.br

REALIZAÇÃO

Oficina do Saber



Ato
nautico

APOIO

VERMELHO
PANDA
design

PATROCÍNIO

Linda Li
Viagens e Turismo

LOOKING4
IDIOMAS



essentia
Clínica de Psicoterapia

MARIA CRISTINA RECCO
Psicóloga Junguiana
CRP 08/1453
44 8802-1360



A Gestalt-terapia atuando junto a adolescentes em conflito com a lei

JÉSSICA STRELESKI DEMITI

Psicóloga [CRP: 08/19776], especialista em Gestalt-terapia e Saúde Mental, atuante na área clínica psiquiátrica e estudante do 1º ano de Direito

A cada dia demandas de violência e segurança se tornam mais preocupantes em nosso dia a dia. Diante dessa problemática, a sociedade tende a procurar um culpado, no qual possam depositar toda a responsabilidade. Ao achar o responsável, por mais insatisfatório que seja, a ansiedade que acompanha quem faz essa busca é diminuída e a busca é cessada. Logo, o adolescente que comete crimes recebe o estigma de infrator, e sua identidade fica limitada a esse rótulo – a dimensão humana é destruída, e, em seu lugar, advém a construção da destrutividade. O objetivo desta reflexão é mostrar como a Gestalt-terapia pode atuar auxiliando esses adolescentes na ressignificação do estigma e na verificação de sua essência, de modo a atingir a ação ética.

Esse estigma de infrator representa um grande peso na formação das identidades dessas pessoas. Já após a primeira infração, ao se relacionar com o mundo, esse jovem percebe a imagem de infrator que as pessoas têm dele, e leva isso para ele próprio, ficando cada vez mais limitado a esse rótulo. Ao se considerar sua história de vida pregressa à infração, pode-se questionar quais os tipos de vínculo que ele teve com pessoas significativas e com o meio do qual fazia parte. Pode-se, também, na maioria das vezes, intuir que elementos importantes para seu desenvolvimento faltaram em seus relacionamentos.

A Gestalt-terapia, com sua visão humanista, surge nesse contexto com o propósito de direcionar a energia desses adolescentes para a ética e para o desenvolvimento do respeito aos valores. Pretende-se, ao promover o encontro desses adolescentes infratores com a Gestalt-terapia, desconstruir esse funcionamento voltado para o “diabólico” – como são vistos, muitas vezes, pela sociedade –, para então promover a construção de uma ação ética. Nessa nova construção ocorre a ressignificação do estigma. Toda a história de vida é revista e ressignificada, tornando possível a construção de uma nova forma de funcionamento voltada para a ética, e que nela eles possam atingir sua totalidade, enquanto ser-no-mundo, e “ser”, exatamente o que “são”, e isso ser suficiente para torná-los inteiros e integrados.

Essa ação ética mencionada não se refere a normas e valores sociais, e sim a valores pessoais baseados na missão existencial da pessoa. A ética é mais que um conjunto de normas, ela está ligada ao sentido da existência humana. Para buscar a ação ética, o homem necessita esquivar-se dos interesses que constituem a materialidade da vida, para então penetrar em si mesmo até o fundo do seu ser e tomar consciência de si. Isso torna o homem vivo e traz sentido à sua vida.

O terapeuta ajuda seu cliente no desvelamento da significação de sua existência. Auxilia seu cliente na busca de sua ética ao mesmo tempo em que pratica a ética própria. A ação ética do psicoterapeuta é a de auxiliar o outro no resgate de sua autenticidade e também de ajudá-lo a se tornar livre. Isso se torna possível quando a pessoa recupera a liberdade de construir seu próprio destino e se lança ao mundo realizando valores.

Dessa forma, o gestalt-terapeuta realiza sua ação ética ao trabalhar com adolescentes em conflito com a lei. A psicoterapia de abordagem gestáltica proporciona a esse adolescente a possibilidade de resgate de sua ética, perdida no decorrer de sua história. Para esses adolescentes, existe um passado determinando seu presente e futuro. A Gestalt-terapia, enquanto abordagem existencial-fenomenológica, pode ajudar as pessoas que vivem essa situação. É papel de cada psicólogo deixar que a intencionalidade de sua consciência apreenda o drama social da atualidade, para que possam entrar em contato com essa realidade, se deixarem ser tocados, e partirem para a ação através de seu trabalho e de sua humanidade, auxiliando na construção da ação ética.

Uma vez em ação, percebe-se a complexidade envolvida no trabalho com adolescentes em conflito com a lei, já que mexe-se com as bases da estrutura destes, a qual é resultado de anos de construção. Por isso, esse tipo de trabalho não se pode resumir a técnicas e a aplicações. Para seu desenvolvimento, é importante que flua entre eles (adolescentes e psicoterapeuta) uma relação que seja de profunda sintonia, numa atitude horizontal e não abusiva. Nesse sentido, a relação dialógica dá o suporte necessário à desconstrução discutida.

Para que esse tipo de relação aconteça, é necessário que o terapeuta não tenha reservas com relação ao adolescente, que ele esteja presente enquanto pessoa e não apenas como profissional, e que se entregue à relação inteiramente. A isso se dá o nome de atitude dialógica. “O terapeuta deixa de ser o detentor da verdade sobre o cliente, aquele que está trabalhando para solucionar sua queixa, e passa a ser ativo como pessoa que é instrumento promotor de awareness (...) e de encontro na terapia” (Ferreira, 2005, p. 243). Assim sendo, o terapeuta e o adolescente conseguem transcender os papéis prescritos socialmente e se encontram de verdade, cada um sendo o que é, e exatamente esse encontro confirma o próprio ser de cada um.

A vivência de relacionamentos significativos é por si só curadora. Se as pessoas envolvidas estiverem abertas para entrar em contato verdadeiro uma(s) com a(s) outra(s), elas então experienciam o encontro genuíno, o qual é a essência da psicoterapia. Com adolescentes infratores isso não acontece de maneira diferente.

Ao se trabalhar o contato desses adolescentes com eles mesmos e com o mundo, possibilita-se o clareamento de suas experiências. Eles tomam consciência de alguns aspectos novos para eles, para então assimilá-los e ter um comportamento para com esse novo. O trabalho com esses adolescentes infratores se torna muito rico quando lhe são dadas condições que possibilitem o contato, o que pode ser feito de diferentes formas, como pelo próprio diálogo ou por atividades. A vivência do contato é de extrema importância para o crescimento e desenvolvimento dessas pessoas.

Sendo assim, ao promover o contato dos adolescentes em conflito com a lei com eles mesmos e com o mundo, a awareness surge. Ocorre uma atualização do “eu” por parte deles. Atingindo-se a awareness, a mudança ocorre de forma natural, sem intenção ou esforço especial. Depois de estar aware de algo, ele não é mais o mesmo, logicamente suas atitudes também não. Com o contato, o adolescente se aprofunda em seu ser e toma consciência de si. Com isso, ele contata sua identidade profunda, sua essência, seu existir pessoal e social. Logo, o significado de sua existência desvela-se e traz sentido a sua vida. Esse é o encontro com a ação ética. Com o contato, o adolescente consegue adquirir uma consciência maior, ele se eleva e entende a razão de tudo. Torna-se capaz de responder ao chamado de sua existência. Assim, pode entrar em contato construtivo com o mundo e formar vínculos amorosos.

Rolfing
Brasil
integração estrutural

Rolfing é um sistema de reestruturação corporal e educação do movimento no qual o profissional manipula o tecido conjuntivo que envolve e conecta nossos músculos e ossos (chamado fáscia), liberando as tensões existentes em segmentos corporais como pés, pernas, quadris, tórax, pescoço e cabeça, realinhando-os à gravidade.

Com Rolfing o corpo ganha equilíbrio e não precisa gastar tanta energia para realizar movimentos básicos como manter-se em pé ou caminhar.

A sensação de totalidade adquirida com o Rolfing também contribui para a evolução pessoal, na medida em que estimula o autoconhecimento.

José Henrique Bronze Dias
Rolfista Estrutural e Movimento
rolfingmaringa@gmail.com
Maringá (44) 3031-2280 / 9973-3905
Londrina (43) 9617-6600



Sobre adolescência e o modelo de seleção pelas consequências

CHRISTIAN REIS

Acadêmico do 3º ano de Psicologia da UEM e membro do IPF

É possível que a adolescência (a Organização Mundial de Saúde define adolescência como o período entre os 10 e os 19 anos de idade) seja uma das fases mais importantes da vida de um ser humano. Ao sair da infância, as jovens pessoas passam a se comportar de maneira diferente, e há um sentimento de desprendimento com relação às velhas tradições da vida infantil. Tratando deste período da vida, nosso objetivo é explorar brevemente o universo adolescente sob a ótica da Análise do Comportamento.

Talvez o grande abismo que separe a Análise do Comportamento das demais abordagens psicológicas seja sua divergência filosófica com relação às explicações tradicionais do comportamento. A filosofia desta ciência, o Comportamentalismo Radical, propõe uma inversão: não se explica o comportamento voltando-se para uma esfera interna do indivíduo (como apregoam doutrinas mentalistas), mas, em vez disso, investigando-se variáveis ambientais e históricas. Convém notar também que este indivíduo não está simplesmente à mercê das condições a ele impostas, mas isto sim é construtor do mundo ao seu redor em conjunto com outros indivíduos.

É preciso, no entanto, levar em consideração alguns outros pontos. Para entender como o ser humano constrói o mundo em que vive, e que o influencia ou, por assim dizer, que também o constrói, a ferramenta utilizada pela Análise do Comportamento é a contingência de reforçamento. B. F. Skinner, principal representante do Comportamentalismo Radical, afirma que os indivíduos agem no mundo, modificando-o, e em retorno são modificados pelas consequências que suas ações produzem neste mundo. Outro ponto importante no entendimento da doutrina é referente ao comportamento verbal. Na infância, o repertório de palavras e expressões dos pequenos é baixo, sendo composto quase que predominantemente por elementos que fazem parte do limitado contexto no qual estão inseridos. Já na adolescência, a linguagem está muito mais desenvolvida e é a partir daí que as coisas começam a mudar.

Em se tratando de analisar a ontogênese dos seres humanos, Skinner (1981) idealiza o modelo de seleção por consequências, que tem como princípio a premissa de que comportamentos que não foram selecionados na história filogenética do indivíduo podem ser selecionados durante sua vida. O comportamento verbal é um bom exemplo: falar não é caracterizado como um comportamento reflexo (como o reflexo patelar, por exemplo), mas passa a ser parte integral de nossas vidas ao assumir a importante função da comunicação social. Em

poucas palavras, o “falar”, ou o comportamento chamado de verbal, é aquele comportamento que é moldado pela comunidade verbal em que o indivíduo está inserido, ou seja, é o comportamento que torna possível a comunicação clara e objetiva de duas pessoas treinadas pela mesma comunidade verbal. Mas qual é a relação disso com o período da adolescência?

É nessa época que os indivíduos passam a frequentar novos ambientes, conhecer outras pessoas, se deparar com responsabilidades diferentes das de costume, e outras diversas situações que surgem com o tempo. É a fase na qual as crianças deixam de ser crianças, e passam a ser encaradas pela sociedade como jovens adultos, sendo preciso, assim, abdicar costumes, brincadeiras e trejeitos característicos da infância. Muitas vezes, há preocupação com o tipo de papel social que será assumido no decorrer da vida, fato que pode acarretar angústias e frustrações, sentimentos muito presentes na vida de um adolescente. Nesse sentido, é possível perceber, por meio do modelo de seleção pelas consequências, como a Análise do Comportamento entende o período.

O início da adolescência é marcado, principalmente por mudanças maturacionais nos corpos das pessoas. Não iremos, aqui, nos debruçar sobre as questões refe-

rentes à mudança de funcionamento dos organismos, no que diz respeito à fisiologia. No entanto, é inevitável não olhar para as consequências que tal fato acarreta. Para o modelo de seleção por consequências, à medida que o corpo muda, mudam também as relações sociais que fazem parte da vida das pessoas. Exemplificar é simples: a voz passa por mudanças, a altura aumenta em ritmo acelerado etc. Tais fatos modificam o modo como os jovens são vistos em sociedade e isso, por sua vez, os modifica também. É interessante notar, ainda, que comportamento é processo e isso significa mudança. No entanto, existem regularidades no processo, fato este que permite que uns reconheçam os outros, mesmo estando em constante transformação. Talvez isto explique, em alguma medida, a imagem do adolescente como sujeito desajeitado ou inconstante, que muitas vezes é disseminada.

Desta forma, seguindo a linha de raciocínio skinneriana, quando o indivíduo se apresenta de modo diferente ao mundo (no caso, o mundo social), as consequências produzidas por este mundo também serão diferentes e o afetarão de outro modo. Em poucas palavras, quando um(a) jovem começa a se parecer fisicamente com um(a) adulto(a), seu ambiente social (que inclui todos os que participam de sua vida) começam a responder de modo diferente à sua presença. Nesta mesma direção, é compreensível que comportamentos diferentes daqueles que fazem parte da infância sejam os que compõem o universo comportamental adolescente. O ambiente muda, a pessoa muda.

Em síntese, a adolescência representa uma das fases mais importantes da vida de um indivíduo, pois comportamentos mudam, angústias surgem e novas perspectivas são vislumbradas. Fica claro, deste modo, que, ao falarmos do assunto em questão, haja

uma maior atenção voltada para ambiente em que o adolescente se encontra. Dito isto, é preciso que não se negligencie o processo

maturacional, assim como também se faz necessária a compreensão de que, na Análise do Comportamento, as principais características que fazem parte do período da adolescência sejam compreendidas através das lentes do modelo de seleção pelas consequências, e não explicadas em termos mentalistas, seguindo o modelo de outras abordagens da psicologia.

Não se explica o comportamento voltando-se para uma esfera interna do indivíduo (como apregoam doutrinas mentalistas), mas, em vez disso, investigando-se variáveis ambientais e históricas.

[...] Comportamento é processo e isso significa mudança.



A despedida da infância, suas dores e seus lutos

ALINE SANCHES

Psicóloga [CRP: 08/19679] graduada pela UNESP/Assis, doutora em Filosofia pela UFSCar e em Psicanálise pela Universidade de Paris VII

No final da infância, a personalidade encontra-se relativamente estável: há autonomia em certas funções, as capacidades intelectuais e cognitivas desenvolvem-se progressivamente; a criança constrói crenças sobre o mundo onde os pais são as principais referências e a relação de dependência com estes é uma condição natural altamente satisfatória.

Com a puberdade, modificações corporais se manifestam incontrolavelmente, acompanhadas de impulsos sexuais e agressivos que irrompem no mínimo contato com o outro. O recém-adolescente passa a estranhar a si mesmo, assim como estranhar as sensações que dele se apossam. Os imperativos do mundo externos também começam a se modificar e a exigir novos modos de convivência. Inicia-se uma fase de confusão, instabilidade e conflitos devido às perdas infantis.

Lenta e dolorosamente, o adolescente caminha em direção à maturidade, oscilando entre progressos e regressões, ora responsável, ora totalmente dependente, ora carinhoso, ora agressivo. Seu corpo assemelha-se cada vez mais ao de um adulto, mas seu comportamento permanece infantil. Por não controlar e não conseguir produzir sentidos sobre as mudanças que ocorrem em seu corpo, o adolescente sente-se impotente e ansioso e defende-se através da intelectualização, que se expressa por meio de desejos de reformas políticas, sociais ou religiosas. Assim, compensa a insegurança relacionada ao corpo através de ideais de transformações do mundo, sem que necessariamente suas ações caminhem neste sentido e sem sentir-se agindo de forma contraditória quanto ao seu discurso e prática. Isto é possível pois sua imagem corporal está confusa, como se corpo e mente estivessem em diferentes ritmos de desenvolvimento. No entanto, essas experimentações intelectuais aos poucos vão se confrontando com a realidade e integrando-se, permitindo a aceitação do novo esquema

corporal e a elaboração do luto pelo corpo infantil.

Apesar das expectativas e desejos de crescimento, é com tristeza que o adolescente se despede dos tempos da infância. Há muito mais pesar pelo que está se perdendo do que alegria pelo advir, misterioso e incerto. Segundo Aberastury e Knobel (1981, 1983), as transformações corporais e psíquicas em que o adolescente se encontra imerso se assemelham ao estado de luto: luto pelo corpo, pelos papéis e identidade infantil e pelos pais da infância.

A turma tem uma importância fundamental nesta fase: é um alívio descobrir no outro as mesmas estranhas transformações; os sentimentos de vergonha, medo, culpa e inferioridade diluem-se, ao mesmo tempo em que há uma discriminação dos adultos e a afirmação de uma identidade adolescente. A família e a turma tornam-se instâncias sociais rigidamente separadas, frente às quais o adolescente comporta-se de diferentes maneiras. Assim, enquanto a turma passa a ser um espaço de vazão das fantasias e ideais, dos impulsos amorosos e agressivos, a família continua sendo a maior representante do princípio de realidade, onde as oscilações de humor e de comportamento são incompreendidas e reprimidas. A separação entre estas duas instâncias é positiva, pois permite a experimentação de outros papéis e identificações. No entanto, pode levar a uma busca exagerada pela diferenciação dos pais e a adesão cega a qualquer forma identitária pregada pela turma.

Gradualmente o adolescente desvincula-se da

relação de dependência com os pais, inicialmente de forma confusa e contraditória. Exige que seus pais sustentem a sua independência no mundo, o que é uma grande fonte de conflito. Decepcionado, afasta-se e isola-se, para elaborar a perda dos pais da infância. Surgem sentimentos de revolta que interferem ou mesmo interrompem a comunicação com os pais em alguns casos. Também os pais precisam elaborar a perda definitiva de seu filho criança. Muitos não aceitam o crescimento de seus filhos e agem inviabilizando qualquer possibilidade de autonomia



do adolescente, “vivendo cada originalidade sua como sinal de dispersão e mesmo de desagregação familiar” (EIGUER, 1989, p.79). Assim como o adolescente inicialmente busca uma desvinculação de forma confusa e contraditória, também os pais podem exigir a independência dos filhos de forma ambivalente.

O desenvolvimento da vida e o crescimento impõe dores incontornáveis... Como sugere Drummond no poema Verbo Ser, difícil mesmo é conciliar CRESCER e SER.

Que vou ser quando crescer?

Sou obrigado a? Posso escolher?

Não dá para entender. Não vou ser.

Vou crescer assim mesmo.

Sem ser Esquecer.

**GRUPO DE ESTUDOS
A PSICOLOGIA DE
CARL GUSTAV JUNG**

**Datas e horários a combinar
para grupos de iniciantes.**

Programação:

- .Vida e Obra de Carl Gustav Jung
- .Inconsciente pessoal e inconsciente coletivo Energia psíquica
- .O processo de Individuação
- .Técnicas psicoterapêuticas de análise
- .Sonhos e Imaginação ativa
- .Mitologia

ligar para se inscrever em novas turmas

REVIVER PSICOTERAPIA
44 8802 1360
Rua Neo Alves Martins 3176
sala 72
crisrecco@gmail.com

MARIA CRISTINA RECCO
CRP 08/1453
Especialista em Psicologia Analítica

CONEXÕES



A fantasia na infância e adolescência e sua contribuição na formação da subjetividade

FERNANDA MAYSA BORNIOTTO

Acadêmica do 2º ano de Psicologia da UEM e membro do IPF

Quando ouvimos falar em histórias infantis, logo nos vem à memória a época em que nossos pais sentavam à beira da cama e as narravam até “cairmos” no sono. Lembra-mo-nos dos heróis que sempre salvavam os “mocinhos”, os folclores brasileiros, os contos de fadas com seus príncipes e princesas, que no final viviam felizes para sempre.

É provável que nossos pais tenham entendido a frase do nosso grande pensador Aristóteles: “O amigo da sabedoria é também um amigo do mito” (BETTELHEIM, 2002). Grandes estudiosos dos mitos e contos de fadas buscam compreender por que as crianças gostam tanto dessas histórias, que, aos olhos de um adulto pareçam bobas. Os contos de fadas trabalham o imaginário e desempenham um papel importante na formação da criança pois lidam com os conteúdos inconscientes e lhes ajuda a entrar em contato com as relações pessoais mais complexas (FOS-SATI, 2009). A formação do Eu é complementada pelas identificações e vivências, a

partir do contato que o mundo proporciona. Dessa forma, a criança projeta no mundo encantado seus íntimos desejos.

Segundo o dicionário Houaiss (2012), adolescência define-se como: “juventude, mocidade, puberdade, pubescência, infância, meninice, puerícia, velhice”. Esse período de transição, tão complexo de ser definido, é repleto de transformações corporais e psicológicas, em que as brincadeiras de criança

precisam ser deixadas para trás pois surgem as cobranças por um comportamento maduro. Dessa maneira, o adolescente elabora sofrimento e conflito do próprio “eu” e com o meio.

O conflituoso processo de adolecer, no que diz respeito à formação da subjetividade, conta com a ajuda da literatura e dos filmes para trabalhar com a fantasia e projeções de emoções e desejos dos adolescentes. Quando nos referimos aos contos de fadas carregados de encanto e romance percebemos a tamanha beleza investida nas princesas. Logo, é comum ouvir de crianças – em especial das meninas – o desejo de tornar-se uma delas! As narrativas como Homem-Aranha (2002) e as sagas Har-

ry-Potter (2001) e Crepúsculo (2009), representam ao adolescente uma possibilidade de enfrentar as vicissitudes dos tempos atuais, à medida em que dispõe superiores características pessoais permitindo a vivência de uma realidade que ultrapassa aquilo que se vê. Além disso, essas histórias podem servir de modelo

para as narrativas individuais e coletivas dotando-se de padrões de beleza, bondade ou raiva e tristeza. Freud (1914/1976) afirma que a identificação na adolescência se dá na relação com o outro fora do laço familiar, cujo amor é dirigido à perfeição faltante do eu para o alcance do ideal. Sendo assim, essa constituição de subjetividade consiste no encontro da criança com adulto, junto a suas representações, sua língua, seu mundo e sua própria estranheza. (FIGUEIREDO, 1998).



Quando os opostos não só se atraem, mas se mantêm

IEDA MARINHO

Acadêmica do 4º ano de Psicologia da UniCesumar, estagiária na SASC de Maringá-PR e membro do IPF

“Erra

*Quem sonha com a paz, mas sem a guerra
O céu existe, pois existe a terra
Assim também, nessa vida real,
Não há o bem sem o mal”*

Samba de Amor e Ódio - Carlos Rennó

O que todos queremos? Felicidade. Quando queremos? Agora. Como queremos? De qualquer forma. Mas esquecemos que emaranhada a esta felicidade (o prazer) que tanto almejamos está, também, a infelicidade (desprazer) de que tanto fugimos.

nos” (1915) coloca que o princípio do prazer é regulado pelas sensações do prazer e desprazer. Do mesmo modo, posteriormente, Freud (1930 p.55), traz à luz Eros (instinto de vida) e o instinto de morte, sendo o primeiro relativo à preservação do indivíduo, enquanto o segundo concernente à destruição e à aspiração ao estado zero de tensão. “Os fenômenos da vida se esclareceriam pela atuação conjunta ou antagônica dos dois.”

Ainda, em relação à atualidade, é impossível deixarmos de pensar sobre a influência direta da tecnologia nessa busca incessante pelo prazer e repúdio constante pelo desprazer, visto que, conseguimos muito do que

precisamos rápido e facilmente, assim, pouco “treinamos” nossa tolerância à espera e à frustração, ou seja, ao desprazer.

Não é coerente pensarmos que a tomada de consciência do que fora proposto nos fará mais



Násio (1995, p. 18) alerta que não devemos nos esquecer “de que o estado de tensão desprazeroso e penoso não é outra coisa senão a chama vital de nossa atividade mental.” Assim, o ideal de prazer absoluto jamais é alcançado, pois a tensão pode ser reduzida, mas nunca anulada.

Freud em “Os instintos e seus desti-

felizes, mas é perspicaz refletirmos sobre a possibilidade de que ela possa ao menos fazer dos nossos dias mais leves, nos permitindo meditar sobre a ideia de que o prazer e o desprazer são interdependentes e comuns a todos e, que neste barco da vida, não velejamos a sós.

Magnéia M.S Rocha

FISIOTERAPEUTA - PSICÓLOGA
CRP 08/19956

GESTALT-TERAPEUTA

CENTRO MÉDICO MAURILIO DE OLIVEIRA
RUA NÉO ALVES MARTINS, 3176
1º ANDAR - SALA 11 - CEP: 87013-060

(44) 9978-2511

Gislaine Marquesone

PSICÓLOGA
CRP 08/17486

GESTALT-TERAPEUTA

CENTRO MÉDICO MAURILIO DE OLIVEIRA
RUA NÉO ALVES MARTINS, 3176
1º ANDAR - SALA 11 - CEP: 87013-060

(44) 9926-1250



Prática esportiva na adolescência

LEONARDO PESTILLO DE OLIVEIRA

Psicólogo [CRP: 08/12613] e mestre em Educação Física pela UEM, doutorando em Psicologia Social pela PUC-SP e professor do curso de Psicologia da UniCesumar

A prática esportiva tem se tornado uma das atividades mais incentivadas nos últimos anos, seja para a manutenção da qualidade de vida (como indicado pela OMS), seja como esporte institucionalizado visando um desenvolvimento atlético profissional. Cada vez mais cedo as pessoas estão iniciando suas atividades neste contexto e, assim como o lado saudável desta prática, o lado não saudável entra em pauta. Em se tratando de crianças e adolescentes, é preciso lembrar que este período do desenvolvimento é um dos mais complexos e determinantes do ser humano. Neste sentido, exigir que a criança tenha a mesma disposição, vontade e dedicação de um atleta profissional é talvez privá-la daquilo que realmente corresponda à sua idade.

Sonhar em ser um grande atleta é um dos principais motivos que levam crianças e adolescentes a iniciarem a prática esportiva. Somente com uma meta a ser atingida é que poderá se dedicar, porém essa dedicação deve ser proporcional à sua idade, sem que haja exigência em demasia, tanto física quanto psicológica. A competição é um processo social 'aprendido' (e não inato) que é influenciado pelo ambiente social (incluindo técnicos, pais, amigos, psicólogos do esporte, etc.) (Weinberg; Gould, 2011), e é justamente essa influência social que deve ser observada no cotidiano. No início de março um técnico de futebol na Rússia, chamado Valentin Pavlov, aparece em um vídeo chutando um de seus atletas, de 7 anos. Após o ocorrido sua justificativa foi de que "Eu estava explicando para o menino como usar seu pé de uma maneira mais robusta"; fatos como este le-

vam a questionamentos sobre os aspectos morais que envolvem a prática esportiva, desde a iniciação até a excelência.

Muito se discute acerca de como a prática esportiva leva a atitudes de crianças e adolescentes que são condizentes com a moral social, pois a partir disso desenvolvem, por exemplo, a capacidade de respeitar o próximo, respeitar as regras, e lidar melhor frente à figura de autoridade. Mas alguns esportes acabam sendo alvo de críticas a respeito da forma como são conduzidos, pois são considerados esportes violentos, em que a agressividade é sinônimo de sucesso. Pais e responsáveis acreditam, muitas vezes, que este mesmo comportamento é levado para fora do ambiente esportivo.

Tornar-se membro de uma sociedade ou grupo significa fazer parte de uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva. Estes aspectos são reconhecidos se "a sociedade for entendida em termos de um processo dialético, em curso, composto de três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização" (Berger; Luckmann, 2012, p. 167). No entanto, estes momentos não ocorrem em uma sequência temporal, mas sim, simultaneamente. Além disso, a identidade do Eu só se forma no círculo da identidade de um grupo (Habermas, 1990), e cada grupo tem suas características. Por isso, mais do que incentivar crianças e adolescentes a iniciarem algum tipo de atividade física ou prática esportiva, é fundamental é compreender como está composto o ambiente em que essa atividade será realizada e como esse contexto fornecerá elementos capazes de ajudar no desenvolvimento dentro e fora do contexto esportivo, pois ser atleta não significa deixar de ser humano e se tornar uma máquina de resultados, ainda bem.



Sobre o adolescente e a morte

ZECA GRIGOLETO

Acadêmico do 4º ano de Psicologia da Uningá e membro do IPF

Nenhuma das fases de nossa vida nos proporciona maior sensação de que viveremos para sempre do que nossa adolescência. Juventude eterna, alegria em todos os momentos, despreocupação: eis a fase da diversão sem limites, em que os hormônios parecem saltar à flor da pele. Sendo assim, o importante passa a ser aproveitar e viver o hoje sem pensar em possíveis consequências – sem pensar no amanhã.

Álcool, cigarros, drogas, sexo (não seguro, na maioria das vezes) geralmente são os ingredientes indispensáveis para que se possa dizer, com autoridade, que sabe-se como ser feliz e aproveitar a vida de maneira plena. Nessa fase, é preciso experimentar e conhecer toda a gama de possibilidades que o mundo oferece: é a época certa para arriscar.

Logo, com a grande quantidade de possibilidades que o adolescente defronta-se, a morte passa a ser uma delas. Medo universal, o assunto da morte é caracterizado como um tabu pela sociedade e evita-se ao máximo falar sobre ela. Porém, é impossível negar que ela exista, e sempre existirá, fazendo parte do desenvolvimento humano. A verdade é que espera-se que

a morte chegue quando o sujeito atingiu uma idade avançada, já cumpriu todas as suas tarefas na terra e sente-se pronto e preparado para deixar essa vida. Mas, nem sempre é isso que acontece. A morte chega em qualquer idade/fase da vida.

A Doutora Maria Júlia Kovács é psicóloga, professora e coordenadora do Laboratório de Estudos sobre a Morte da faculdade de São Paulo (USP), e diz que a adolescência é o período de exposição às inúmeras possibilidades que coloca o adolescente frente a frente com sérios riscos, como os esportes radicais, que geralmente tendem a testar os limites do corpo, a AIDS, fruto de relações sexuais sem proteção, a exposição às drogas e também à gravidez precoce. "Na adolescência não há espaço para considerar a própria morte; o adolescente crê-se imortal" (KOVÁCS, 1996, p.25). Segundo a autora, ainda, a morte não deveria fazer parte das vivências do sujeito na fase da adolescência, porque este período passa a ser o responsável pela construção de seu futuro e identidade (Kovács, 2012).

Sendo assim, é importante educar os adolescentes para que, no experimentar das possibilidades que o mundo lhes ofereça, saibam como usufruir de maneira consciente daquilo que acreditam ser importante e saibam respeitar seus próprios limites, tanto do corpo quanto da mente.



Psicologia Clínica
Veruska Betioli de Carvalho
CRP 08/07009-1

Av. Amazonas, 118 | Mandaguari - PR | Fone: (44) 3233-3176

jornal psicologia em
foco: cinco anos
transformando,
informando,
formando.

VERMELHO PANDA
design



O lugar da Psicologia Social

MARIANE R. CISCON-EVANGELISTA

Doutora em Psicologia (CRP: 08/17722) pela UFES, professora de Psicologia e supervisora de Estágio Profissionalizante do UniCesumar, psicóloga no CREAS de Maringá-PR e pesquisadora de temas em Psicologia Social

Você pode ter se perguntado, ao ler o título, qual seria o seu complemento, afinal é muito amplo, não específico. Mas é isso mesmo, o título é abrangente e introdutório, assim como o será o texto. Permitam-me explicar melhor.

Abrangente porque a Psicologia Social foi se consolidando enquanto área do conhecimento no período no qual acontecia um extraordinário e terrível evento: a Segunda Guerra Mundial. A Psicologia social floresceu nos Estados Unidos, mas tem suas raízes na Europa, utilizando a analogia proposta por Farr (1998). Na América Latina a Psicologia Social começou a ganhar espaço por volta de 1960, e no Brasil autores como Aroldo Rodrigues e Silvia Lane foram os precursores das discussões, seguidos por inúmeros pesquisadores da época até os dias atuais.

Assim como na Psicologia em geral, na Psicologia Social várias perspectivas e metodologias diferem significativamente. No entanto são fundamentadas por um pressuposto comum, ainda que as ênfases sejam ora mais em um aspecto, ora em outro: a subjetividade e a individualidade são constituídas a partir da interação social, e a sociedade é alterada por sujeitos ativos que promovem manutenções e mudanças sociais. Temas interessantes, portanto, são objetos de estudo para a Psicologia Social: a violência, a família, as questões raciais, os estereótipos e preconceitos, a religiosidade, as questões de gênero, dentre muitas outras possibilidades.

Você já parou para pensar sobre o fenômeno psicológico que envolve um evento como o linchamento? Ou tentou compreender o aumento do sobrepeso na infância nas últimas décadas? Ou então avaliar a construção do senso comum de que “quanto mais pobre mais filhos” enquanto o IBGE mostra diminuição significativa do número de filhos por mulheres que vivem, no que é considerado pelo Governo, “situação de miséria”? Você já tentou compreender como é estabelecido o preconceito? E como, ainda em 2015, pessoas são ignoradas, espancadas e/ou assassinadas por sua etnia, suas crenças, sua orientação sexual, seu peso, seu tipo de cabelo? E já analisou o poder quase indestrutível daqueles que podem comprar o que quiserem, ou quem quiserem? A Psicologia Social volta o olhar a estes fenômenos sociais e, fundamentada nas construções teóricas e pesquisas realizadas nas últimas décadas, avalia, analisa, discute e propõe soluções para transformações sociais, que alcancem o indivíduo em sua individualidade e em seu grupo social.

Uma ciência utópica, então? Você poderia estar considerando. Não. Apenas uma ciência comprometida com a compreensão dos fenômenos que são parte de nossos grupos sociais e que, de acordo com o conjunto de conhecimentos da Psicologia Social, são constituintes da subjetividade e, conseqüentemente, do próprio grupo social.

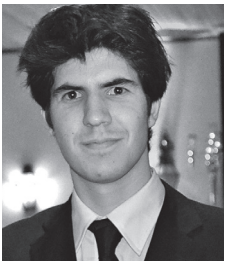
A Psicologia Social também tem sido conhecida, nos últimos anos, como um espaço de atuação, uma vez que des-

mistifica a culpabilização do indivíduo por sua própria pobreza e atua visando o empoderamento das comunidades para o reconhecimento de si enquanto indivíduo e da força que possui enquanto grupo social. Ela também se apresenta como adequada para atuação do psicólogo em outros espaços. A justificativa, por exemplo, da mudança do termo “menor infrator preso” para “adolescente que cometeu ato infracional em privação de liberdade” pode ser encontrada nas discussões de juventude e preconceito da Psicologia Social. Outro exemplo: o número de crianças afastadas da sala de aula por indisciplina e encaminhadas ao neuropediatra para avaliação, prevenindo medicamentos, tende a diminuir se na escola existe um psicólogo que trabalha com a Psicologia Social e, antes do encaminhamento, avalia a família e a própria escola, realizando um trabalho mais voltado a pais/responsáveis e professores do que às próprias crianças. Para finalizar os exemplos, se a família “não adere” aos tratamentos propostos pela Saúde, o psicólogo pode investigar algumas Representações Sociais daquela comunidade e descobrir que “aquela doença”, não deve ser mencionada, quanto mais tratada, e a partir desta descoberta o trabalho de intervenção pode ser iniciado. Estes são apenas alguns dos exemplos da importância da Psicologia Social em áreas de atuação do Psicólogo e na construção do conhecimento científico que pode embasar esta prática.

E qual o motivo de um texto introdutório? O Jornal Psicologia em Foco abre, a partir de hoje, espaço para uma coluna específica fundamentada na Psicologia Social. Sinto-me honrada por participar deste início, já que uma coluna específica neste Jornal expressa o crescimento da Psicologia Social nas últimas décadas no Brasil. E que venham outros autores, com outros textos, avaliando nosso contexto sob o olhar desta ciência tão nova e tão significativa!

Em 2015 o Instituto Psicologia em Foco escolheu o eixo temático “Fases da Vida” para nortear as edições do JPF e da Oficina do Saber. O ciclo de palestras deste ano teve início nos dias 20 e 21 de março no auditório da PUC-PR, contando com a presença significativa de acadêmicos e profissionais das mais variadas áreas do saber. Na abertura do evento a psicanalista Marta Dalla Torre, discursou acerca da fase em questão com a Oficina intitulada “Criança esperança, de quem?” Já no segundo dia do encontro, a psicanalista convidada Leomara BURGEL (Curitiba) apresentou a Oficina com título “Infância e Psicanálise – brincando no parque de diversões da linguagem”. Por fim, a psicanalista Valéria Codato discutiu o gracioso filme francês “Le Petit Nicolas” a partir da perspectiva da constituição do psiquismo infantil.

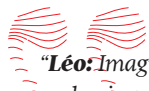




O rito de passagem em 'Hoje eu quero voltar sozinho'

ELTON TELLES

Jornalista, crítico de cinema e proprietário da agência de conteúdo Vila Ópera



"Léo: Imagina que legal você ir para um lugar onde ninguém te conhece. Você pode inventar uma personalidade nova, se você quiser.

Giovana: Uê, você não gosta da sua personalidade?

Léo: Gosto. Mas o problema não sou eu!"



No início do ano passado, quando o longa-metragem nacional "Hoje Eu Quero Voltar Sozinho" foi lançado nos cinemas, a mídia e seu arbitrário poder de julgamento logo atribuiu ao filme uma definição simplista de "romance gay", ignorando os demais subtextos pelos quais a trama atravessa. A temática da homossexualidade se faz presente e assume importância na história, sobretudo em sua parte final, mas é só mais uma barreira que Léo, um adolescente cego, se depara em sua jornada de descobertas.

A sexualidade de Léo ganha destaque no roteiro a partir do momento que ele conhece

Gabriel, um colega de classe recém-transferido de outra escola que o auxilia nas lições escolares ao lado da melhor amiga, Giovana. O retrato feito pelo diretor estreante Daniel Ribeiro é imbuído de sensibilidade e evita a tentação de construir estereótipos. Em vez de reduzi-los a arquétipos unidimensionais da adolescência – como grande parte das produções fazem –, Ribeiro demonstra compreensão do comportamento juvenil e enriquece o trio com as dúvidas típicas dessa etapa da vida.

Uma das questões mais valiosas é perceber que os personagens secundários, Gabriel e Giovana, não são meras "escadas" para o protagonista, já que ambos também compartilham inseguranças. A garota, por exemplo, se cobra por nunca ter beijado ninguém e se vê em uma encruzilhada por estar acompanhada de dois garotos por quem sente algum tipo de atração; já Gabriel tem as suas ações interrompidas por conta da timidez.



Enquanto isso, Léo precisa lidar com o bullying diário na escola e a superproteção da mãe, que o trata com excessivo cuidado por ser deficiente visual. Outra questão interessante de observar no roteiro é a sua vontade repentina e sem motivo aparente de fazer intercâmbio, ideia que logo é reprovada pelas pessoas mais próximas. Incomodado com o espaço em que vive, o jovem apenas queria "sumir", um desejo muito comum fruto da imaturidade dessa fase, que, sem medir as consequências da escolha, acha que todos os problemas se resolveriam se estivesse em outro lugar. Depois, nos damos conta que não é assim que as coisas funcionam.

As indecisões e a sensação de não-pertencimento são trabalhadas de forma autêntica e generosa em "Hoje Eu Quero Voltar Sozinho", um filme delicado que se mostra hábil em calar a boca da intolerância com um simples e inofensivo gesto de afeto.

CINEMA



Demian Hermann Hesse (1877-1962)

TAÍS KEMP ABDO

Psicóloga clínica (CRP: 08/20920) graduada com ênfase em Saúde pela UEM e pós-graduanda do 2º ano em Psicoterapia Psicanalítica Contemporânea pela EPPM



"Quería apenas viver aquilo que brotava espontaneamente de mim. Por que isso me era tão difícil?"



É assim que Hermann Hesse (1877-1962) nos insere em "Demian", livro que conta a história de Emil Sinclair a partir de sua própria perspectiva dos fatos. A narrativa se inicia na infância do mesmo, onde ele se vê dividido entre o mundo puro e claro da casa paterna, a qual ele sente um profundo desejo de pertencer, e o lado sombrio e intrigante do mundo fora do lar, que também o atrai e faz parte dele ao mesmo tempo. A dualidade do personagem se mantém durante toda a obra de um jeito incrivelmente convidativo

ao leitor, que se vê muitas vezes questionado sobre essa transitoriedade entre dois mundos dentro de sua própria vida.

O encontro de Emil Sinclair com Max Demian (personagem que dá nome ao livro), se dá ainda no começo da história, quando Sinclair é constantemente ameaçado por chantagens de um menino, Franz Kromer, e Max Demian, apesar de ser um garoto apenas um ano mais velho, consegue auxiliá-lo a se livrar do mesmo, sem utilizar de força bruta ou de uma chantagem ainda maior, mas sim através de uma imagem de segurança e controle que transmite aos que o conhecem. A angústia

sentida por Sinclair nos momentos de chantagem mostra o quanto o livro retira o véu da nostalgia e nos relembra que a transição da infância para o mundo adulto é também um período bastante difícil, e que um jovem passa por conflitos psicológicos tão intensos e profundos quanto um adulto.

Max Demian provoca em Sinclair reflexões desde a infância, o levando através da adolescência a buscar o autoconhecimento de maneira profunda e até mesmo um tanto quanto perturbadora. O livro se encerra quando Sinclair tem apenas 18 anos, nos relembando o quanto este período é intenso e profundo do ponto de vista psicológico. Não há como ler o livro sem sentir-se afetado de alguma maneira, se trata de uma daquelas obras que vale a pena reler de tempos em tempos, pois conforme mudamos a leitura se torna reveladora de maneiras diferentes.

Para encerrar, uma breve frase do livro que transmite um pouco da angústia da transição entre infância e vida adulta:



"A ave sai do ovo. O ovo é o mundo. Quem quiser nascer tem que destruir um mundo."



© Nascimento do Mundo - Salvador Dalí

LITERATURA



O JPF nos propõe
um “tempo” para
ler, refletir,
desacelerar e pensar
ou ainda
um canal para
escrever, criar e se expressar.

Jornal Psicologia em Foco
5 anos de história